

# Chão de Memórias: rachaduras para um ensino de arte desobediente

Área Temática: Cultura

Gabriel Fajonni Marcelino<sup>1</sup>, André Luís Rosa<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Acadêmico do curso de Artes Cênicas-Licenciatura em Teatro, bolsista PIBIS/FA-UEM, contato: [modenath01@gmail.com](mailto:modenath01@gmail.com)

<sup>2</sup>Prof.º do Depto de Música e Artes Cênicas – DMC/UEM, contato: [alrosa@uem.br](mailto:alrosa@uem.br)

**Resumo.** Esse trabalho tem apresenta três perspectivas pedagógicas diferentes no campo da Pedagogia da Arte/Teatro e os seus desdobramentos como agentes desobedientes do currículo normativo escolar, apresentadas no evento de extensão *Chão de Memórias*, desenvolvido pelo Projeto de Extensão *Artes do Corpo e do Movimento*, na Universidade Estadual de Maringá (UEM). A partir das histórias, vivências e experiências que atravessam e constituem as três artistas-educadoras-pesquisadoras - Eleni Souza Nobre, Iracy Vaz e Fátima Santana Santos-, refletimos sobre como a disciplina de Arte e a formação deste/a professor/a-artista influencia na experiência do/a estudante no espaço escolar. Os discursos nos convocam para posicionamentos mais representativos em sala de aula, valorizando e estimulando produções de conhecimentos e metodologias que possibilitem rachaduras para um ensino de arte na escola contemporânea como um espaço de rupturas e resistências contra as normatividades e as colonialidades, propiciando zonas de intersecção entre aprendizagem, metodologias, planejamentos e ensino.

**Palavras-chave:** arte-educação – rupturas – normatividade

## 1. Introdução

Este estudo parte de algumas análises sobre o Evento de Extensão *Chão de Memórias*, uma ação remota criada em tempos de pandemia do Covid-19, por meio do Projeto de Extensão *Artes do Corpo e do Movimento*, sob coordenação do Professor Dr. André Luís Rosa, apresentando algumas reflexões e caminhos possíveis para se problematizar o processo de ensino-aprendizagem em arte nos espaços escolares.

As questões norteadoras deste trabalho estão circunscritas da seguinte maneira: 1) a disciplina de arte e a formação deste/a professor/a-artista influencia na experiência do/a estudante no espaço escolar? 2) de que modo os/as professores/as-artistas podem ser mediadores/as de transformações dentro dos espaços que ocupam? O esmiuçar destas indagações, inevitavelmente, estatela-se em algumas falhas do sistema educacional brasileiro, e nós propomos repensá-las a fim de superá-las dentro das atuais circunstâncias instauradas. Destas hipóteses, desejamos (re)pensar o ensino da arte na escola contemporânea como um espaço de ruptura com as diversas normatividades que o constitui e, ao mesmo tempo, são constituídas pelas dinâmicas do próprio universo escolar.

Até o momento de realização desta escrita, esse Evento de Extensão possui duas temporadas completas disponíveis no canal do YouTube “*Chão de Memórias*”. (<https://www.youtube.com/channel/UC6aLaZweoi2G2uTlplEkbnQ>). Considerou-se que as duas temporadas em si são um imenso material a ser analisado e que dialogam entre si, portanto, para esta pesquisa selecionamos apenas 3 episódios da primeira temporada:

- Eleni Souza Nobre (episódio 1: temporada 1) - professora de arte na Rede Pública de Ensino de São Paulo, *performer* que cruza as culturas populares afro-indígenas, tecnologias e corpos;
- Iracy Vaz (episódio 3: temporada 1) - encenadora, atriz, escritora e professora de teatro na Escola de Aplicação da UFPA;
- Fátima Santana Santos (episódio 4: temporada 1) - professora, mestra pelo Programa de Ensino e Relações Étnico-Raciais da UFPA e coordenadora pedagógica do CMEI Dr. Djalma Ramos, em Lauro de Freitas/BA.

## 2. Por caminhos desobedientes no espaço normativo escolar

Com o propósito de identificar pontos onde tais perspectivas metodológicas se imbricam e se afastam, analisamos o que podemos apreender delas para a experimentação e prática das nossas próprias proposições pedagógicas, visto que, enquanto educadores e educadoras em arte, devemos questionar as metodologias unívocas, propiciando zonas de intersecção entre aprendizagem, metodologias, planejamentos e ensino.

Eleni Souza Nobre, enquanto artista-educadora, desobedece os marcadores binários e normativos impostos socialmente, atuando como docente na Escola Estadual Darcy Vieira, localizada em Itapetininga, no interior do Estado de São Paulo. Ela comenta, no episódio de estreia do “*Chão de Memórias*” que, os nossos corpos já vem “etiquetados” pelo olhar do outro. Nesse espaço reconheceu que apenas 5% dos/as professores/as são negros e negras, o que a fez se auto-questionar sobre o espaço da pessoa negra na escola e um olhar sobre si mesma como professora, artista e mulher negra. Essas questões levaram-na a considerar que a docência não é imparcial, mas que trafegamos em nossas interseccionalidades que perpassam nossas vivências, nossa sala de aula, nossas pesquisas.

Dessas reflexões foi surgindo um interesse pela cultura afro-brasileira que, segundo a professora, havia sido negligenciada do seu cotidiano, somado a alguns incômodos com a religião hegemônica imposta, a qual não concordava. Seus apontamentos não são percepções isoladas do mundo, mas reflexo das consequências da posição submissa que a cultura brasileira (enquanto país latino e sul-americano) encontra-se diante de normas e valores eurocêntricos. Em outras palavras, partindo do entendimento que os conceitos “educação”, “arte”, “religião” são invenções humanas (ou seja, algo que não é inato, mas aprendido, construído e instruído), assim como os comportamentos humanos, elas também são repetidas e reproduzidas. Geopoliticamente falando, o maior dos problemas quanto a isso é a reprodução de um modelo de ensino que não nos pertence. A estrutura do nosso ensino, da escola e seu conjunto de rituais são uma reprodução da invenção europeia que, justamente, aniquilou as culturas, estruturas e bases dos povos originários no processo da invasão colonial. A nossa estrutura escolar ainda se baseia, em muito, com as normas da escolarização e catequização jesuítica.

Iracy Vaz, atriz, encenadora e professora de teatro e filosofia, desenvolve seu ofício no chão da Escola de Aplicação da UFPA (Universidade Federal do Pará), onde atua em Belém, no Estado do Pará, localizada na região Norte do Brasil. Diferentemente de Eleni que mora no estado paulista, Iracy está distante do eixo político-econômico hegemônico São Paulo-Rio de Janeiro, e alerta-nos sobre as distorções generalizadas de como o espaço amazônico é vendido nas mídias e como é colonizado nos nossos imaginários.

Isto é, sempre narrada de um ângulo reducionista como um grande espaço de floresta. Mais do que isso, a Amazônia é um espaço complexo de povos originários.

(COSTA; ROSA, 2020). Essas distorções impactam a autoestima do/a estudante e influenciam na (falta de) visão que eles têm sobre si mesmos. Inserida neste contexto, o que move suas investigações pedagógicas é a reversão da autopercepção estigmatizada de seus/suas estudantes. Em suas pedagogias propõe estratégias e referências para que os/as estudantes possam se ver e se identificar, evitando assim, os processos de morte simbólica - a qual historicamente são condicionados/as - ocorridos pela ausência de figuras representativas da memória nacional-regional que o currículo escolar brasileiro ignorou, silenciou e apagou. Para além disso, Iracy exemplifica que costuma regularmente trabalhar o Teatro Negro enquanto conteúdo da disciplina de Arte. Neste caso, demonstra não apenas produções e práticas artísticas do Teatro Negro do eixo Sul-Sudeste, mas também o que está sendo experimentado no Norte-Nordeste. (COSTA; ROSA, 2020).

É perceptível e recorrente as ementas e disciplinas narrarem a “história mundial do teatro” a partir do eixo europeu, ou quando se fala de teatro brasileiro, as referências vêm apenas do eixo Rio-São Paulo. Isto ocorre pois todas nossas narrativas históricas são a partir de documentos oficiais do olhar do colonizador. (COSTA; ROSA, 2020). Caímos assim na reprodução desses olhares, pois existe também um colonialismo interno. Conforme Aníbal Quijano, sociólogo peruano a qual a educadora faz menção, o colonialismo histórico teve seu fim, mas a colonialidade e suas práticas se propagaram até nossos dias. O colonialismo interno é feito de várias camadas de opressão: através da raça, gênero, geopolítica, religiosidade, deficiências etc.

Encerrando nossa proposta em analisar três perspectivas práticas-pedagógicas distintas, neste momento apresentamos Fátima Santana Santos. É interessante notar como suas práticas pedagógicas se aproximam, se assemelham e se tocam com pensamentos das outras duas educadoras mencionadas anteriormente. Suas vivências enquanto professora e mulher negra trazem reflexões similares a de Eleni, no entanto, ainda assim, existem particularidades exclusivas que se referem ao contexto social onde está inserida. Por outro lado, atuando profissionalmente distante do eixo econômico Rio de Janeiro-São Paulo, algumas de suas experiências no enfrentamento dos discursos hegemônicos se relacionam com os desafios de Iracy, que do mesmo modo vale ressaltar, ainda assim, possui suas particularidades. Entretanto, independente de qual parte do país suas vozes ecoam, as três são atravessadas pelo ensino da arte em espaço escolar. Suas falas, apontamentos e provocações se conectam de maneira tão profunda que nem faria sentido estabelecer limites entre elas.

Fátima é pedagoga, educadora e coordenadora pedagógica na CMEI Dr. Djalma Ramos, em Lauro de Freitas/BA. As suas práticas pedagógicas são suscitadas por proposições anticoloniais, num viés antirracista, e com intenção de reconhecer as “múltiplas manifestações culturais e artísticas afro-brasileiras que a cercavam desde sua infância enquanto criança negra” (ROSA, 2020). Ela compartilha conosco algumas de suas memórias pessoais enquanto criança e estudante negra que não via as manifestações culturais afro-brasileiras como arte, cultura ou como beleza. Era impedida de ver por esse lugar. (ROSA; SANTOS, 2020). Isto porque, durante muitos anos os/as autores/as que eram estudados/as na escola e os livros de arte publicados compartilhavam (e, muitos ainda o fazem) da visão do colonizador. É como se a história do teatro brasileiro começasse apenas com a invasão colonial com intuito de dominação por meio da evangelização, ignorando assim quaisquer outras teatralidades/manifestações culturais já existentes no território que hoje chamamos de Brasil.

As consequências do *epistemicídio* (SOUZA, 2020) não assolam apenas o chão do ensino básico, mas também do ensino superior. Fátima diz que durante sua graduação

em Pedagogia não havia nenhuma disciplina sobre as linguagens artísticas, tendo, portanto, suas únicas referências pelo o que era mostrado na televisão. Desconhecia artistas negros e negras e dentro de sua formação enquanto pedagoga, qualquer discussão sobre arte era ausente. Assim, sendo levada a se perguntar: quem são as pessoas que elegem o que será colocado nos currículos? Como esse currículo é escolhido? Quem determina a proposta pedagógica da escola que elimina das crianças esse contato com as manifestações culturais e as impedem de conhecerem artistas negros e negras? Enquanto coordenadora pedagógica, quais posicionamentos podem ser tomados em uma situação onde a professora da dança que diz que menino não dança com menino e menina não dança com menina? São muitas problematizações! São reflexões potentes para pensar a desmontagem das opressões interseccionais de raça, classe social, gênero/sexualidade, produção/circulação de conhecimentos (ROSA, 2020).

### 3. Considerações finais

Nós, educadores/as em arte, precisamos nos mostrar abertos para a valorização da produção de conhecimentos e metodologias-didáticas diversas, pois a escola ainda nega e esconde conhecimentos que possam contribuir para a desmontagem das normatividades e formas de opressão ali operantes. O nosso ofício não tem um fim, pois novos conhecimentos surgem e não podemos ficar arraigados aos vícios hegemônicos impregnados nas forma(ta)ções que tivemos.

Sabemos que a arte como prática/ação pode ser transgressora e dissidente, porém, como disciplina escolar incorre em riscos de ser mantenedora de normatividades e discursos binários sobre a vida e o aprendizado. Se cairmos nessa armadilha, as nossas práticas educacionais-artísticas serão ceifadoras de outras expressões artísticas que, infelizmente, não são contempladas, na maioria das vezes, pelos projetos político-pedagógicos. Diante disso, precisamos estar conscientes da existência de uma hierarquia entre as artes e os saberes criadas num contexto de séculos atrás e que reproduzimos até hoje. A educação é um território atravessado por disputas curriculares, que nos solicita continuamente um posicionamento sobre quais narrativas legitimamos e quais corpos reconhecemos nestes trânsitos entre a arte e a educação.

### 4. Referências

COSTA, I. R. V., ROSA, A. *Chão de Memórias: 1º temporada (3º episódio) - provocações com Iracy Vaz*. 2020 (76m16s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bUddFH0DIv4&t=4036s>> Acesso em 19 de Abril de 2021.

ROSA, A., NOBRE, E. S. *Chão de Memórias: 1º temporada (1º episódio) - provocações com Eleni Souza Nobre*. 2020 (78m45s) Acesso em 15 de Maio de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k1MUvV4TgeI&t=4090s>>.

SANTOS, F. S., ROSA, A. *Chão de Memórias: 1º temporada (4º episódio) - provocações com Fátima Santana Santos*. 2020 (74m14s) Acesso em 15 de Maio de 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=jTIMG9nnRVU&list=PLZgdFPNJRim\\_20NribY3w8c\\_lkKoyvyb9&index=4](https://www.youtube.com/watch?v=jTIMG9nnRVU&list=PLZgdFPNJRim_20NribY3w8c_lkKoyvyb9&index=4)>.